

O que Milton Cabral fala em Brasília constitui uma introdução crítica (com os necessários lances de revisionismo) à cidade, uma leitura de sua geopolítica, sua gente e monumentos. Uma leitura, por assim dizer, de sua cartilha cotidiana e aérea que percorre todas as vias da cidade. A via sacra e a via crucis, desvendando seus lados ocultos, as facetas múltiplas de sua fisionomia. E sobretudo desfazendo lugares comuns, arpegiando o bom senso, o discurso da banalidade. Milton fala uma linguagem implacavelmente lógica, incomodamente rigorosa. A linguagem de um cientista, de um estudioso.

MILTON
CABRAL

“Brasília no divã é uma cidade mítica”

Eclison Tito

Severino Francisco

JBr — Por que se discute tanto a existência de cultura em Brasília? Isto é falta de assunto ou é mesmo uma opção de lazer? ...

R — Esse negócio de que Brasília é uma cidade sem cultura é uma afirmativa bastante casta, bastante desgastada, pelo fato de que as pessoas que andam dizendo isto não são as primeiras. Em 1937, um estrangeiro, Levy Strauss, antropólogo, fez uma viagem pelo Brasil, que deu um livro, *Os Tristes Trópicos*. Interessante que quando ele passa em Queijara, que é uma cidade Bororó, ele faz toda uma louvação da cidade, mostra como ela está se acabando, tendo em vista o fato da invasão dos colonizadores, dos padres etc. Quando ele passa pelo sul e vê os europeus, os louros de olhos azuis construindo as cidades do norte do Paraná, sobretudo, ele se admira, se maravilha com aquela verdade dos homens que estão construindo uma nova cidade. Quando ele chega no Centro-Oeste, o que acontece em 1937 em Goiânia, a cidade está sendo construída, vocês sabem que Goiânia também foi transferida, da mesma forma que Brasília, aí ele desce o cacete. Diz que parece um deserto, uma região onde parece que passou uma grande praga. Fala no absurdo de se construir uma capital naquele lugar. Então no discurso de antropólogo dele, não consegue entender o que significa esta construção que os homens estavam fazendo do nada, do deserto. Mas a cultura se faz assim mesmo, em um lugar onde os homens se reúnem, se juntam. Então Brasília para mim é isto. E preciso ver como se manifesta a produção cultural de Brasília, pra que possamos também começar a estimular esta produção. E tem mais, nenhuma produção cultural se fará em Brasília de uma forma organizada se não se atentar para o plano da cidade. A cidade tem um plano. Então toda a produção cultural deverá ser organizada em cima desse plano. A cultura na realidade não vai se fazer somente nas salas de espetáculo, as galerias, os teatros, a sala de convenções, os cinemas, os saguões dos palácios. Estes são os lugares específicos, programados da cultura. Mas a cultura tem de ser feita no dia a dia, no cotidiano. E ela é feita no dia-a-dia, no cotidiano. E preciso que se reconheça em Brasília onde se faz a cultura. Eu acho que a cultura se faz nas quadras, nas superquadras, nos botecoquins, nos templos. Então é preciso saber estimular e programar a cultura não apenas a partir das salas de espetáculo, mas a partir exatamente dos lugares onde as pessoas vivem. E preciso planejar esta ociosidade, essa negatividade do homem que se recolhe a sua casa, a sua quadra para descansar. E preciso que o homem comece a transformar este lugar em um local de cultura. Então eu realmente começo a antever os momentos em que esta cidade terá em suas superquadras as suas retretas, o lugar do futebol, das discussões, dos debates políticos, dos teatros. O momento em que a cidade começará por ela mesma a produzir cultura. E ela só começará no momento em que sair das salas.

JBr — Sair do provincianismo...

R — E, com esse pavor do provincianismo. Com essa mentalidade de deserto cultural. Quer dizer, trata-se realmente de um lugar onde os homens estão juntos. Se você ver, há uma produção teatral, há uma produção musical, há uma produção cinematográfica, há uma produção artesanal razoável. Então é preciso ver que toda a produção cultural de Brasília já tem um peso, uma marca específica. E não manter o Brasil ilhado em grandes pólos culturais. É uma grande inverdade, uma cegueira de quem quer ver a cultura por este prisma.

JBr — Já revela uma inteligência específica...

R — Realmente um escritor desses cariocas passando por Brasília disse que o QI de Brasília era tão alto quanto o de Ipanema. Eu não me lembro do autor, mas acho uma observação feliz essa de considerar que aí onde se considera o maior centro de produção cultural do país, o Rio de Janeiro, e em Ipanema, que é considerado pela “inteligência” brasileira, essa figura reconhece que o nível de elaboração do pessoal de Brasília é tão alto quanto o de lá. E é necessário, mesmo a partir dessa observação, que nós tenhamos em conta que este endeuamento, esta mistificação da cultura carioca, da cultura paulista precisa se dissolver. E justamente quando aqui mesmo se produz que esta cultura tem importância. Temos aqui, por exemplo, um sem-número de grupos musicais que compõem, que fazem arranjos, que gravam. Eu cito por exemplo o grupo Climerico Clodo e Clésio, que já gravou discos e o que é importante, se considera um grupo de Brasília e vieram do nordeste como todo mundo veio de algum lugar.

JBr — Então esta discussão é acadêmica? Satisfaz as necessidades imaginárias? ...

R — A discussão é acadêmica na medida em que ela não se transforma em ação. Na medida em que ela rouba o espaço da ação. Nós sabemos o quanto é frutífera uma discussão na medida em que os homens estão dispostos a agir. Mas quando os homens estão atados, imobilizados, discutindo eles estão



Moreira Maia

“Estamos vivendo um momento no qual quem não rasgar seu coração para a coletividade não esta com nada”

satisfazendo as suas necessidades imaginárias. Então eu me lembro da peça *Rasga Coração*, de Oduvaldo Viana Filho, que fala justamente do momento, do antes e depois da Revolução de 30, do Osvaldo Aranha dizendo — precisamos mudar radicalmente este país — e o depois, e do Getúlio afirmando: “As coisas só se fazem na medida do possível”. Então nós estamos neste momento de rasgar o coração. E esta frase não é do Oduvaldo, ele a tirou do Catulo da Paixão Cearense. Nós estamos na hora de sair daquele palco fechado de que fala a peça para a mobilização. Rasgar o coração significa sair desta imobilização imaginária. Então é preciso começar a organizar os debates, começar a promover as discussões, começar a promover todo um trabalho de uma sociedade que está aí ociosa de alguma forma. Porque está de alguma forma impedida. Então rasgar o coração, o momento é este. Quem não rasgar o coração agora não está com nada. Eu acho também que não só o momento histórico brasileiro como também a cidade de Brasília não dão lugar para aqueles que querem colocar ressentimentos. Não há lugar para os magoados. Há lugar para os que querem trabalhar. De fato os homens estão ressentidos, mas logo que eles se liberarem desse ressentimento não estão dizendo aqui não tem cultura e tal. Estar escrevendo um livro, criticando trabalhos, fazendo peças, enfim estar em perpétuo movimento é o importante.

JBr — Mas é possível uma cultura em movimento, por decreto? O projeto do ministro Eduardo Portella...

R — Não pode haver cultura por decreto, mas, por outro lado, o Estado deverá estar atento a produção cultural. A cultura não se pode fazer por decreto na medida em que o Estado numa posição vertical tenta promover a cultura mas a partir dele, e para um consumo restrito às ideias que o Estado tem da própria cultura. E preciso que o Estado consiga absorver a produção social da cultura, pois dessa forma ele não estará fazendo cultura por decreto. Cultura por decreto está sempre fadada a fenece. Basta você ver a história da pintura. Os pintores oficiais, os literatos oficiais, em geral, foram esquecidos. Mas a História confirmará aqueles que, no anonimato, fizeram a cultura.

JBr — E no caso específico de Brasília, o que se poderia fazer no momento atual?

R — Acho que o fundamental seria um projeto de animação cultural para a cidade. E preciso que se passe a entender a cultura não como uma atividade meramente espontânea, protegida aqui e ali por quem tem dinheiro, poder econômico, e sim como atividade organizada. E acho que os cidadãos estão realmente em um momento oportuníssimo de se mobilizar em torno dessa cultura e o Estado deve estar atento para poder organizar, digamos, a produção que se dará nesse movimento, a produção que se dará nessa mobilização dos cidadãos. Pois não se faz cultura sem mobilização, é impossível. Mas a presença do Estado é importante, para que esta produção se organize. Então uma coisa que acho importante, por exemplo, seria organizar planos de animação cultural permanente na cidade. Não alguma coisa que se perca num mero trabalho de quatro anos. Mas um projeto que se implante como o

projeto da cidade foi implantado. Pouco a pouco, construindo quadra por quadra, edifício por edifício, palácio por palácio. Mas sem a mobilização dos cidadãos não haverá cultura permanente. Haverá sempre uma cultura passageira, um grande consumo de cultura provocado por quem estando no poder tem estas condições e este desejo.

JBr — E de que forma e como essa cultura poderia emergir na cidade, organizada e sem decreto...

R — O plano é o ponto de partida mas a cidade se confirma exatamente na medida em que ela excede o plano. E a cultura vai se confirmar dentro da cidade na medida em que também vai exceder, transbordar o plano e a cidade. O plano é o ponto de partida inevitável porque se esquecermos o plano estaremos esquecendo também a cidade e o poder. Há um poder do plano que é excedido na medida em que a cidade se faz e há também um poder que vai se estabelecer na medida em que a cultura por sendo produzida dentro da cidade. Mas não podemos esquecer que o ponto de partida é sempre o plano, sem plano não se faz nada, encontramos uma cultura produzida espontaneamente e não acreditado em espontaneísmo diante da história. Há o plano? Há. Então vamos aproveitar este plano. A cidade já excede a este plano? Sim. As vias estão transformadas em vias sacras e vias crucis? Excelente. Veremos agora o que a cultura fará de transformador nesta cidade. A cultura é o que transforma, ela excede o próprio poder de controle dos seus mecanismos de produção. Pode-se planejar fazê-la em determinado sentido e de repente ela emerge como outra coisa completamente diferente, assim como a cidade. Na realidade, para nós em Brasília, o plano é positivo porque temos um ponto de referência, de partida. Partindo daí a cultura se instala mas não poderá ser acompanhada por cada um dos que se estão fazendo porque quando se faz não se pergunta o que se está fazendo e muito menos qual o resultado. Da mesma forma que um professor não pode acompanhar o trabalho de formação que faz com um aluno no curso primário, secundário ou universitário. Essa formação é incorporada ao sujeito e excede ao controle. Assim é a cultura, minha produção dentro dela vai aparecer de forma autônoma em relação a mim que sou o produtor. Assim aparecerá a cultura em relação à cidade, com essa autonomia, mas a referência para organizar a produção será sempre o plano, pois sem organização não se produz, o plano-piloto e as cidades-satélites. Toda a atuação deverá ser feita dentro desse campo.

JBr — E as cidades-satélites também seriam uma questão acadêmica? O plano não seria o ponto de chegada?

R — Há algum tempo, vi nas salas de exposição da capital, exposições de artistas das cidades-satélites, justamente no Palácio do Buriti. Observei então que o plano não só é a sede do poder como se apropria da produção cultural das cidades-satélites. Uma apropriação indebita em qualquer situação. Não se trata então de trazer para dentro de Brasília essa produção mas de gerar condições para uma produção que seja aceita a forma como a cidade foi construída. Essa interação se dará em mais ou menos tempo mas não é necessário que venha a produção das cidades-satélites para que realizemos essa utopia onde o poder é feito pelo povo. Para efeito de organização

da cultura, é preciso pensar no plano. Lúcio Costa previu o plano da cidade e as cidades-satélites, para não acumular essa vida administrativa da cidade e é com esses dados que temos de trabalhar para organizar a produção cultural. Se os desconhecemos vamos trabalhar no vazio, com o “vazio cultural”, cujo prédio hoje se transformou no Centro de Convenções. Somos um país convencional. Talvez não sejamos um país cultural mas somos com certeza convencional. De qualquer forma, essas casas têm sua utilidade pois a reunião dos estudantes brasileiros para a UNE vai inaugurar uma delas na Bahia e talvez por isso se pudessem chamar palácios da cultura ou do povo, mas não estamos na China nem noutros lugares, então se chamam centros de convenções.

JBr — Brasília tem muitas faces ocultas. As cidades-satélites, por exemplo, seriam uma espécie de consciência da cidade?

R — Eu diria que as cidades-satélites são o inconsciente de Brasília. Quer dizer, a face oculta do poder está realmente no povo. Então em torno desse centro de poder está o inconsciente. Daí o fato de não se ver. As cidades-satélites, para mim, representam justamente isto. Quer dizer, é o operário que vem trabalhar na cidade apenas para construir mas nela não habita. Ele retorna ao seu lugar, não perturba o andamento da cidade. Ele apenas aumenta a cidade.

JBr — Então Brasília talvez precisasse de uma terapia, uma análise, ou psiquiatria...

R — Digamos o retorno de recalado. Talvez não uma psiquiatria de Brasília, mas uma psicanálise, no sentido de uma alternativa ao discurso do poder. Então esta alternativa a você vai encontrar exatamente na medida em que este inconsciente puder falar. Então este é um processo que poderá se manifestar pouco a pouco em Brasília. Uma psicanálise não só para Brasília mas para todo o Brasil. Uma ocasião para o inconsciente falar. E ele fala por si próprio, este é o problema, ou é reprimido pelos outros. Então uma psicanálise de Brasília seria dar a palavra a quem não tem. Pois todo poder vem justamente desta condição que as pessoas têm ou não de falar. O poder não é nada mais do que o acesso que o homem tem ao discurso.

JBr — Muita gente diz que Brasília é uma cidade “pirada” e “pirante”. A revista *Repórter* inclusive publicou uma matéria colocando Brasília no divã...

R — Não. Não tem nada disso. É muito fácil dizer que os outros são loucos porque a gente ganha um poder sobre eles. Então você se lembra que na sua cidadezinha tinha sempre o louco. Então as pessoas saiam correndo atrás do louco jogando a sua loucura sobre ele. E muito fácil chamar as pessoas de loucas ou “piradas”. Porque quem diz que o outro é louco adquire um poder sobre o outro. Naturalmente, se exclui da definição. E ganham este poder por isso. Então Brasília não é absolutamente uma cidade de loucos, de “pirados”. Apenas é uma cidade que tem um plano e que é possível ver dentro dos limites deste plano quais são os comportamentos uma estatística e um levantamento dessa ordem. E vejo também que você não é um americano. Porque se você fosse um americano você não me faria esta pergunta. Quem diz que Brasília é uma cidade neurótica já dançou, porque os americanos que fazem tudo o quanto existe de mais extraordinário no mundo, aboliram, tiraram o neurótico do dicionário de doenças, como eles abolem tudo e criam outras coisas. Acho que ela é uma cidade de pessoas altamente inteligentes como aquele escritor observou, que estão procurando o momento de manifestar a sua inteligibilidade das coisas que sabem dizer e podem dizer. Porque no dia em que elas puderem dizer aí, você vai ver o que é loucura, porque até agora ainda não viram não. Nós, por enquanto, aqueles que estão dizendo que Brasília é uma cidade de loucos estão de alguma forma adquirindo uma forma de poder, que é a de classificar os homens. Então não concordo absolutamente com esta forma de usurpação de poder. Dizer que um homem é louco? Quem tem esta forma de poder? Então isso aí é coisa de dominador, de “senhor” que quer ter seus escravos. E não há melhor maneira de manter escravos do que dizer “são todos loucos”. Porque aí quem é que leva a sério os loucos?

JBr — Fazem isto para perpetuar a loucura do seu poder...

R — Brasília é uma cidade de poderosos. Os poderosos é que falam que é uma cidade de loucos para serem ainda mais poderosos. Mas vá ver a sua loucura dos poderosos. Em cima de que esses estão sentados.

JBr — Neste particular Brasília não está sozinha...

R — Toda sociedade tem isto. As pessoas dizem aqui tem muito desquite, tem muita loucura. Tem. E para que coisa mais desumana e louca do que criança morrer de fome? E não precisa existir Brasília para isso. Vamos ver em cima de que manuais estes idiotas estão sentados para dizer isto. Vamos ver...

JBr — Mas que cidade é essa afinal?

R — Brasília é uma cidade de blocos, de quadras, de cerrados.

JBr — Bloqueada, enquadrada, cerrada...

R — Acho que isto não é problema da cidade, e sim das circunstâncias. Toda cidade tem suas teias, suas barreiras visíveis e invisíveis. E só sabem quem mergulha na cidade, quem mergulha nos seus subterrâneos. E realmente Brasília tem suas teias, suas barreiras visíveis e invisíveis, mas não é uma questão somente de Brasília. É uma questão brasileira. Não se trata de uma questão específica de Brasília.

E uma cidade de planalto, de horizontes. Então veja que ela tem tudo que qualquer outra cidade pode ter, também. Porque a cidade tem limites. Antigamente as cidades tinham até muros. A nossa tem horizontes. Tinha as que ficavam dentro do muro e as que ficavam fora. Então que estranhamento é este. Diante da História Brasília não é uma novidade. Nós brasileiros, agora vamos assumir isto, construímos Brasília em pleno século XX. O que aconteceu? Quem é que julga o que significam as cidades? São os europeus, que têm cidades ainda construídas nos tempos de Cristo. Então, quais são os critérios que eles têm para julgar Brasília? São estes critérios. Porque eles têm uma diacronia da história, eles têm um tempo corrido já muito longo quando eles fundaram as cidadeszinhas no começo eles não estavam lá. Cidade é Paris assim assim, cidade é Roma. Mas Roma também foi construída do mesmo jeito. E eles são muito pretensiosos porque vêm de lá com este bando de história e saturação deles, para um continente novo que agora está rasgando o coração enquanto eles estão rasgando as secas, o papel crepon. Nós somos um povo novo e temos que fechar os ouvidos para estes idiotas que vêm dizer estas besteiras pra gente. Ai daquele que não vê Brasília, e dizer isto aqui não é uma cidade, é uma cidade de pirados”, porque este não tem a noção da história.

JBr — Talvez seja pela dificuldade de perceber as outras faces da cidade.

R — E. Eu acredito que quem fala dessa forma não percebe a especificidade de Brasília. Ela é basicamente a cidade do poder. E claro que o poder sempre esconde uma face. Justamente a face sobre a qual ele se assenta. Mas, as múltiplas faces ou facetas do poder estão aí pra quem quiser ver. Quem se coloca nesta atitude de cegueira com relação a estas múltiplas faces do poder está justamente negando a sua presença em Brasília e se negando a ver o que é mais evidente. A cidade tem uma face oculta. O poder tem uma face oculta. Mas há todas estas facetas que se expõem aos homens. E preciso que os homens se deem conta disso. Ela tem uma face, e não só uma face, mas uma fisionomia característica. Basta ver o choque das pessoas que chegam na cidade. O que acontece é que vivendo na intimidade desta cidade se torna mais difícil aos homens reconhecer esta fisionomia, no entanto, ela existe. E preciso que cada um se dê conta disso. E preciso que não se exija de Brasília uma face de qualquer outra cidade brasileira, mas que se veja qual é a sua real fisionomia. Tanto quem varre a rua, como quem cava o buraco na rua, para passar o esgoto, assim como o jornalista, o deputado, o professor, chegou de algum lugar. Então é essa condição de chegança que iguala os homens nessa cidade. E preciso se atentar para este fato, é preciso que o chegança se estabeleça de fato, senão o chegança não será nada mais do que um passante. Mas, você encontra um ou outro caminho solitário pela cidade. Então é preciso estimular isto, ao invés de incentivar a violência, o medo, etc. A violência é banal em certa medida. Ela é fruto da forma como a sociedade está se construindo. Ela é fruto da distribuição da riqueza, da noção que o Estado tem da segurança, que não deve de forma alguma impedir que os homens saiam para as ruas.

JBr - Mas, existem estímulos muito persuasivos neste sentido...

R — Acho que hoje existe por exemplo, quase que um aconselhamento para que o homem não saia de sua toca, através da publicidade, dos meios de comunicação, através da consciência que o homem toma da forma como a sociedade e o Estado se organizam. Então existe uma retração do homem na sua toca. Este é um problema não só de Brasília, mas também do Brasil. Você vê, por exemplo, quando coincide a sua saída de um elevador com a entrada de alguma pessoa que está esperando para entrar, em geral é um susto brutal ter alguém a sua frente. Por que? Porque a expectativa não é das melhores, não é de encontrar um cidadão que vem retornando à sua toca. E de encontrar sempre um agressor. Mas é preciso que ele não tenha medo disso, que ele passe nas superquadras, que ele visite os amigos a pé. E preciso que ele saia do isolamento que o carro lhe confere. As vezes você vai para uma reunião sozinho e à saída ocorre uma coisa interessante; as pessoas se perguntam umas para as outras: “Vocês estão de carro?”. E todo mundo está de carro. Cada um está no seu carro. E o que acontece? Todo mundo vai para o mesmo lugar, mas no seu próprio carro. As pessoas não caminham juntas. Eu me lembro que em 1969, eu estava na Grécia e fui assistir a um teatro na base, no sopé de Atenas, a Medéia, e o que me comoveu muitíssimo naquela visão noturna que eu tinha de Atenas, é que as pessoas iam a pé para o teatro, caminhavam em bandos. Me parece que



Moreira Maia

“Dizer que Brasília é mentira. No dia e daí começarem a inteligibilizar verá realmente o

eu via justamente a realização desse lugar comunitário do teatro. Hoje, você vê uma caravana de automóveis se dirigindo para os lugares, as pessoas se tocam pouco, andam pouco juntas. Em Brasília, não há multidões, a começar por aí.

JBr — São as faces visíveis de Brasília...

R — Em 1976, eu estava trabalhando no curso de pós-graduação do curso de Comunicação aqui da Universidade de Brasília. Então, numa disciplina que se chama Problemas Especiais de Comunicação eu propus um trabalho sobre a cidade. Uma análise de como a cidade estabelece o seu sistema de comunicação. Então, nessa época, nós estávamos vendo que a cidade tinha a sua forma própria, a sua organização própria, apesar do próprio tempo, apesar das condições características da cidade. Quer dizer, Brasília é uma cidade onde as pessoas chegam, então é uma cidade de cheganças nessa medida. Ninguém é o dono da cidade. O maior dono da cidade é um dono eventual.

JBr — E a espacialidade de Brasília atrai muitos cheganças. De repente pode descer um disco-voador...

R — Pode descer um disco-voador, as pessoas que esperam o fim do mundo, o Vale do Amanhecer, o vale do anoitecer. E isso também faz parte daquela fisionomia da cidade de que estávamos falando. Brasília é uma cidade que contém estes influxos justamente porque a cidade permite isso. Não acredito que a cidade tenha uma predestinação que faça com que os homens mergulhem na alienação, no esquecimento dos outros homens. Não, acho que Brasília é uma cidade que, justamente por dispor da espacialidade para que o homem reflita, é uma cidade que em algum tempo terá homens conscientes, que não terão necessidade de se voltar para este tipo de alienação.

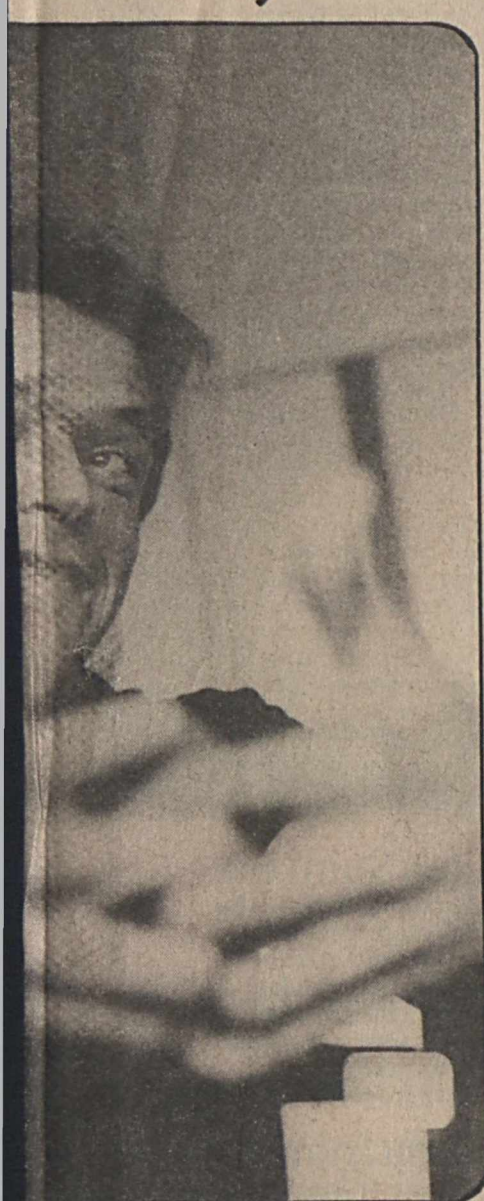
JBr — Mas é também uma cidade de trabalho...

R — Brasília de fato é uma cidade de trabalho. E uma cidade para ser a sede do governo. Mas quando você se desloca para os diversos lugares onde as pessoas estão produzindo, trabalhando, se encontrando, você nota um certo desejo de se encontrar, mas, ao mesmo tempo, um certo vazio nestes encontros. Você não sabe bem o que vai ser produzido, o que vai ser gerado. Acho que Brasília é uma cidade para quem mora aqui. Mas as pessoas que passam por aqui dizem que as pessoas são tristes e parecem fantasmas ambulantes, nos lugares, nos bares, nos restaurantes etc. E é extremamente interessante esta visão porque estas pessoas estão acostumadas a outro espaço urbano. Então o espaço urbano determina o comportamento das pessoas. Nós temos as nossas marcas específicas em Brasília. Então as coisas aqui se fazem nos apartamentos, a produção é feita nas chácaras, nos bares, nos jornais, nos templos, de uma forma muito diversificada. Enquanto em uma outra cidade qualquer, com uma outra constituição urbana, você sabe onde encontrar as pessoas produzindo cultura, naquele lugarzinho específico.

JBr — No entanto, os que passam pela cidade geralmente são os que determinam o plano cultural...

R — E Brasília por ser uma cidade de passagem para algumas, tem de estabelecer as suas formas de produção.

ION BRAL ica, santa, poética, cheia de bares”



uma cidade pirada
em que as pessoas
manifestam sua
desafin se
que é loucura”

“Há nós que vivemos aqui, que produzimos, que consumimos, que vivemos o nosso dia a dia aqui. Mas há aqueles que passam, na eventualidade do poder, nas circunstâncias da história, então esses terão que, de alguma forma, se adaptar a esta forma brasileira de vida. Eles voltaram para os seus estados, mas nós ficaremos aqui. Dando continuidade a esta produção, porque ela só existe de fato quando se estabelece e não quando ela depende de alguém que passa pela cidade e faz um comentário, depreciativo ou não, e vive consumindo nos seus centros. Não se acha em condições de consumir a cultura que se produz em Brasília.”

JBr — A estação rodoviária seria o local onde os que passam e os chegantes estabelecidos se confundem. A confusão do consciente e inconsciente da cidade...

R — A rodoviária é o lugar onde a cidade pulsa, seu coração. E pulsa justamente porque contém todos os elementos que pouco a pouco são selecionados. Ali estão todos os elementos que vão para um lado ou outro da cidade. Ali se dá a triagem, a seleção, mas fatalmente o inconsciente existe, não é uma condenação, mas existe. Então o importante é que ele possa falar, se abrir de alguma forma, nessa relação das cidades-satélites com o Plano. Que ele possa falar, emergir, que não seja sempre relegado. Na rodoviária eu vejo o lugar onde se processa a seleção e a triagem porque ali estão todos juntos, misturados, consciente e inconsciente. Depois é que veremos de que forma a separação se processa nesse coração que bomba para fora e para dentro da cidade recebendo os que chegam e os que saem. A rodoviária, o aeroporto e a ferroviária são os modelos da verdadeira face da cidade, centros de circulação, lugares onde há uma indiferenciação em determinado momento, pessoas saindo e chegando. Este movimento é que nos interessa pois a cidade se faz a partir destes movimentos, ela palpita nestes lugares.

JBr — A reclamação de que Brasília é uma cidade desumana pareceu ser uma especificidade do pessoal que mora no Plano Piloto...

R — Sim. Porque tem tudo. Porque saem empregados de subempregos nas capitais para grandes empregos com grandes vantagens aqui. Tem todo o conforto, apartamento funcional, com móveis e tudo, geladeira. Por isso falam mal da cidade. É a ociosidade. As pessoas que tem com seu dinheiro no bolso, com sua saúde, com o seu sangue circulando que amem e desbunde pela cidade a vontade. Mas não venham se queixar da cidade como se ela fosse muda para escutar estes queixumes todos e não dizer nada. Ela responde de alguma forma a estas queixas.

Para que cidade mais desumana do que Paris, por exemplo, onde uma pessoa morre em um quarto e só é descoberta porque começa a fedor. Isto é uma cidade humana? Só porque as pessoas podem se acotovelar uma às outras no metrô? Tire todas as pessoas de Brasília e coloque outras para você ver como ela vai se modificar tudo que ela tem de específico. Um fenômeno extremamente significativo nesta cidade são as plantas, nos apartamentos. São formas específicas de humanizar a cidade. Se eu digo que falta calor humano na cidade é porque ainda não encontrei em nenhum outro corpo.

Nunca me abracei com ninguém, nunca me deitei com ninguém.

JBr — Mas as plantas não seriam uma espécie de recondição de ar, volkswagen ecológico...

R — Eu acho que você pode criticar as pessoas que transformam os seus apartamentos em verdadeiras florestas amazônicas. Mas isto é uma forma do homem construir o seu espaço. Não sei até que ponto elas seriam um automóvel. Seria preciso conhecer as pessoas que cuidam destas plantas.

JBr — Mesmo sendo planejada Brasília é uma cidade humana?

R — Neste sentido ela é extremamente humana. A cidade é planejada, mas cada homem interfere neste plano original e constrói uma cidade para si. Então você, por exemplo, escolhe os lugares onde anda na cidade. Então no momento em que faço o meu percurso daqui a 206 Norte para a 306 Sul escolhendo por tal via e não por outro, estou dando forma, significado ao plano da cidade. O homem dá significação, dá sentido a cidade. Então a cidade não é desumana por isso. O homem dá sentido ao lugar onde passa. Esta cidade não é somente o plano do Lúcio Costa, mas o plano que cada um trás no seu cotidiano.

JBr — Se a cidade tivesse sido fundada por Borba Gato ou Bartolomeu Bueno, mas como foram Lúcio, Niemeyer e Kubitschek...

R — O problema todo é este. Se fosse pelos bandeirantes, ou pelo Salim Maluf, que vai fazer uma lá em São Paulo e vai ficar ótima. Mas ele diz que não tem dinheiro para pagar os professores. Então vai ficar uma cidade ótima.

JBr — Brasília é uma cidade perfeita para ver, para se extasiar? ...

R — Não acho. O homem tem um lugar na cidade. Para isto existem as vias da cidade. Acho que a intervenção do homem que vai definir humanização da cidade. Tanto o homem quanto o monumento tem o seu lugar na cidade. Apenas observo o monumento com maior facilidade. Ela foi uma cidade pré-determinada. Então deste gesto símbolo de uma cruz foi construída a cidade. O símbolo portanto é a marca da presença do homem neste lugar.

JBr — Mas existem os bares, os Beirutes da vida, sem o que os lares explodiriam...

R — Sem dúvida nenhuma. Eu acho que o bar é o lugar da festa da transgressão. Como se sabe o trabalho é que interdita o homem, mas o homem vive em função deste trabalho. Só há transgressão porque existe interdição. Então há lares e bares. Os lares, digamos, seriam o momento de interdição, os bares são os lugares da festa, da transgressão. Em todos os lugares a lei existiu para que pudesse ser transgredida. Então, por exemplo, em algumas sociedades simbólicas, quando o rei morria era a grande festa, os homens transgrediam, se liberavam e faziam o que queriam enquanto o rei estava morto. Quando o rei era enterrado eles voltavam ao normal. Então acho que o bar significa «o rei está morto»....

JBr — Viva o rei...

R — Viva o rei. Rei morto, rei posto. Portanto, o bar é o lugar em Brasília onde as pessoas comparecem para dizer suas besteiras olhar para as caras dos outros e sentir que o rei está morto. Porque finalmente não há quem agüente viver com o rei vivo nas suas costas. Então é preciso que o rei morra de vez em quando para que as pessoas possam viver...

JBr — O Beirute não sei a continuidade do espetáculo...

R — Exato. Agora a festa é espetáculo para quem está vendo, mas não para quem está fazendo. Nada impede que a cultura seja também espetáculo. Acho que acontece ali é que as pessoas vêm de uma situação de consumo e para uma situação onde elas fazem a festa. Logo o espetáculo é montado por elas, e há pessoas que contemplam o espetáculo. Mas, na realidade aqueles que lá estão vivem a festa. A festa é uma representação, mas sim senhor.

JBr — Viva os bares. Mas esta festa não seria um espetáculo triste?

R — Você sabe que talvez haja muito mais tristeza no coração dos homens do que poderia supor a nossa vã elucubração. É possível que eles estejam festejando e festejando a sua própria tristeza, para compensar. Admito perfeitamente que você perceba esta tristeza subjacente a festa, e acho mesmo que ela existe.

JBr — E pode-se falar também da existência de um homem tipicamente brasileiro que luta para tornar-se cidadão...

R — É uma boa questão. O homem brasileiro está se fazendo pouco a pouco. Ele é um devenir permanente. Agora o problema do cidadão excede a mera situação de Brasília. Parece que os homens esqueceram a sua condição de cidadão ou foi esquecida... Agora, é preciso que os homens não esperem que lhes devolvam esta condição de cidadão, é preciso que eles se mobilizem como tal para obterem esta cidadania. A questão do cidadão é nacional. Eu me lembro que as pessoas se sentavam nas portas de suas casas para discutir sobre política, sobre a situação do país, do

mundo, e os menores participavam dessas conversas. Hoje, na realidade o que existe é um isolamento do homem que não se atreve mais a falar dos seus problemas. Então acredito que esta mobilização faz parte desse retorno do homem brasileiro à sua condição de cidadão. Então é preciso não ter medo de ser cidadão. E a cultura só se fará na medida em que os cidadãos se sintam parte ativa dessa cultura e não esperem apenas que ela venha como um produto de consumo.

JBr — O que existe de concreto determinando este homem?

R — Eu diria que para o homem brasileiro existe o cerrado como a vegetação, o planalto como o lugar onde essa vegetação se coloca e um horizonte imenso que ele constantemente contempla. O cerrado, planalto e horizonte são características da região. O homem brasileiro só pode ser definido como um ser capaz de simbolizar a partir da especificidade destes elementos e objetivos que o circundam. Neste espaço está contido também o poder. O horizonte não é o infinito mas o que determina um limite.

JBr — E do ponto de vista dos desejos, das aspirações?

R — O desejo do homem brasileiro é o poder, esse desejo é que vai movê-lo pois a cidade é a cidade do poder. Os que para aqui vêm, vêm procurando este poder, como imperadores chegando para reinarem sobre a cidade. Prova disso é o fato de que a universidade, que na realidade é um lugar regido pelo princípio do saber, em Brasília tem características muito específicas. A universidade é o quintal do poder. Para chegar a ser universidade tem que se transformar no terreno do saber. É preciso que haja essa passagem muito sutil que não sei em quantos séculos se dará, mas só será universidade na medida em que operará essa passagem porque ela também ocupa um lugar dentro da cidade. Brasília é a cidade do poder e tudo que está aqui é poderoso. Essa passagem fará com que a universidade se torne um núcleo de saber dentro dessa cidade que se define pelo poder. Nesse particular, o importante é definir o poder da cultura dentro dessa cidade e em poder, que está no seu entendimento e concepção como uma prática permanente, aí onde os homens estejam investindo permanentemente seu desejo. Isso é fundamental. Cultura, numa cidade do poder, é descobrir que o poder da cultura está no fato dela ser uma prática que solicita, envolve e mobiliza os homens permanentemente.

JBr — Não seria, ao contrário, uma aspiração à liberdade?

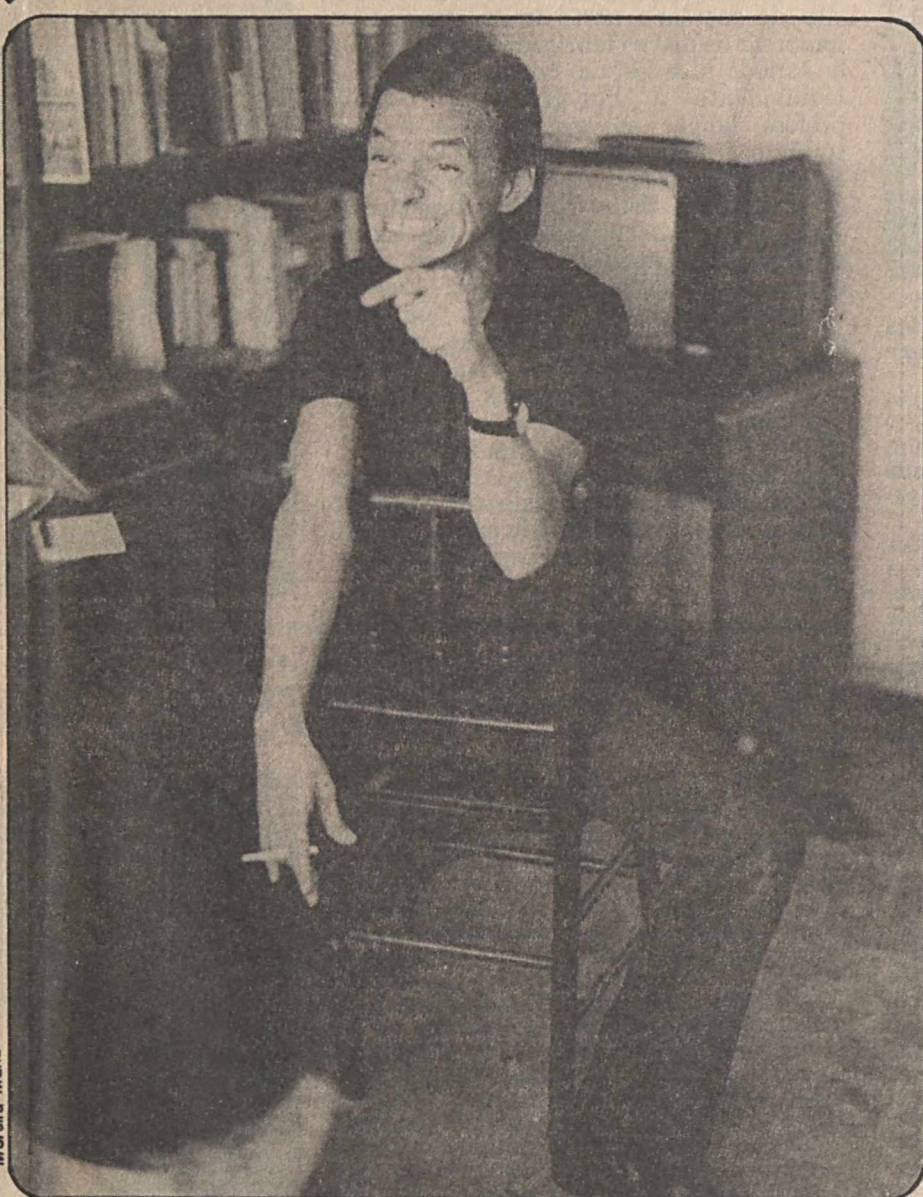
R — Se o poder se define justamente como a possibilidade de acesso do sujeito ao seu próprio discurso — e a dialética é a única maneira de se tratar do poder — vamos ver que esse desejo do poder não exclui o desejo de liberdade. Estamos habituados a entender o poder de uma forma muito estreita, como aquilo que corrompe e oprime. Precisamos entendê-lo como o poder de cada um, do cidadão, do povo. Esse poder se define pelo acesso à sua própria palavra. Na medida em que o homem pode falar, rasgar o coração, está definindo as condições de seu acesso ao poder. Então não há incompatibilidade entre estes outros objetos do desejo que aparecem no espaço circundante da cidade é este objeto que definem como sendo o desejo do poder. A não ser que mantenhamos essa definição estreita segundo a qual o poder apenas corrompe e oprime.

JBr — E qual poder não oprime?

R — O poder do homem, da sociedade. Se se refere ao poder única e exclusivamente dos governantes, vai-se ouvir deles a reclamação de que estão de mãos atadas, mesmo sabendo da realidade de seu país e de seu povo. O poder, mesmo que seja dos governantes, não significa essa disponibilidade para oprimir e corromper mas também um anseio de liberdade porque o que subjaz ao poder, na realidade, é um grande vazio, um vazio talvez do próprio poder. Que o homem possa falar e entender que ali está o seu verdadeiro poder. Aqui em Brasília o exemplo dos professores é perfeito. Então existe uma possibilidade de se articular este poder sem que isso signifique contestação ou indisciplina. O homem, em sua realização do desejo de poder, precisa transformar, quebrar determinadas amarras.

JBr — Voltando a cultura, o Estado, que você vê como organizador não seria ideal, no caso do Brasil? Como resolver a contradição existente entre a cultura do poder e o poder da cultura?

R — A questão se coloca em dois níveis. Em primeiro quando se fala em cultura do poder está se referindo sempre ao Estado e na realidade os nossos meios de comunicação quando informam o fazem sempre a partir desse poder do Estado, as informações vêm todas daí. Estamos habituados a por em circulação informações que vêm do poder, a criticar, comentar, por em discussão, a cultura e tudo que vem do poder. O Estado é um fato no mundo contemporâneo, de alguma forma a sociedade se organiza no Estado e cultura se produzindo nessa sociedade não há porque excluir da organização dessa cultura. Eu não disseminar informações do poder pois aqui em Brasília tudo que sabemos é coisa do poder, inclusive a cultura, mas se você descer pelo país a fora vai sentir o poder da cultura, na produção constante do povo porque este poder que atualmente é o



«Quem ousaria definir a loucura?»

dono da cultura não é visto tão de perto como vemos aqui o poder político pois a cidade é isto. Não podemos confundir as duas coisas. Existe de fato um poder da cultura que se manifesta pela produção, pela ação, pela permanência dos fatos culturais e existe uma presença maior ou menor do Estado, conforme o regime que adote, no poder da cultura. Eu não oporia a cultura do poder ao poder da cultura, este último existe de fato enquanto o primeiro pode ser uma cultura eventual, transitória, oficial ou oficializada. Ninguém se lembra dos pintores que pintaram as caras dos imperadores mas se lembra dos grandes anônimos que a história recuperou e confirmou. Camões, por exemplo, morreu no anonimato para não dizer que morreu cego porque isso é piada. Agora os que escrevem para o imperador, os escritores da cultura do poder oficial, desapareceram. Devemos ver em Brasília, cidade do poder, o poder que a cidade tem para produzir sua própria cultura sem estarmos ligados a ressentimentos em virtude da grande proximidade que temos com o poder.

JBr — Esta é também uma questão que envolve o cidadão...

R — Se eu como cidadão brasileiro, vivendo como membro participante dessa sociedade não admito o estado como etapa posterior de sua organização qual a alternativa que tenho em relação a carência social de um princípio organizador? E preciso ver isso concretamente, o Estado como princípio organizacional da sociedade. O que se pode oferecer como alternativa? O suicídio? Num país novo como o Brasil, dominado, infiltrado com todas as porcas que vem do mundo inteiro? O que faria um país desse sem o Estado organizado? A cultura é uma prática social e o Estado, fazendo parte como estágio imediato de organização da sociedade, interfere nessa produção social sem dúvida alguma. Não podemos reivindicar dele o que queremos condenar. O Estado esta aí, agora as críticas que se podem fazer a este ou aquele é outra coisa. Não podemos deixar que as circunstâncias nos envolvam, esmaguem e silenciem nos transformando em pessoas ressentidas com o mundo e o poder.

JBr — Mas o cidadão não é exatamente ele e suas circunstâncias?

R — O cidadão se define como valor e não como um instrumento que possa servir a isso ou aquilo. O cidadão é um estado de espírito por assim dizer. Muito mais importante do que a pátria ou a nação para o cidadão é o valor que tem como tal, como participante atuante com direitos e deveres e que se realiza através da língua. Os outros valores são ideológicos e podem oscilar conforme o interesse dos que os divulgam. A questão da língua é fundamental. Qualquer povo é facilmente dominado se perde a relação com sua língua.

E outra questão que é de suma importância é a da volta ao país dos nossos irmãos que foram banidos. Não é que se dê adjetivos para isso. Só existe um objetivo para isso: retorno, para que estas pessoas possam recuperar a sua identidade que é também uma identidade lingüística. Porque nós somos um país novo que exportamos “inteligentistas”.

A partir dos 16 anos os americanos começam a levar a nata da inteligência

brasileira, que volta, as vezes, em condições não muito boas. Voltam, muitas

vezes, um pouco empanzinados, um pouco destruídos na sua identidade lingüística. Saem daqui aos dezesseis, aos dezoito anos, por estes programas que têm por aí. Vejam uma por uma dessas pessoas que estão retornando. O país gasta um dinheiro imenso em programas para formar os seus doutores especializados lá fora. Eu sou o caso de um sujeito que viveu cinco anos no exterior e voltei para o meu país. Em que condições são aproveitados estes homens cujo investimento é de uma ordem altíssima em um país de analfabetos como o Brasil? E preciso estar atento a isto.

JBr — E há tantas outras coisas...

R — Que um país novo como este e uma cidade nova como é Brasília aprendam a selecionar o que vem de fora. Não se trata apenas de exportar. Trata-se justamente de aproveitar o que vem de interessante do lado de fora para que isso passe por uma peneira antropológica, como queriam os modernistas de 22. Agora, naturalmente antropofagia pode virar indisgetão, pois a nossa ânsia de consumir é muito e quando digo isso falo de todo o país. Você vira os quatro canais de televisão e estão passando quatro filmes, todos americanos.

JBr — Que fazer? Há muita gente ainda com o coração na mão. Não sabe se rasga, se penhora...

R — Não há mais por que esperar e por quem esperar é um momento em que cada um se dispõe não só a colocar seu coração na mão mas rasgá-lo de fato, em função desse imenso coletivo brasileiro, porque na verdade a dor dos poetas românticos, seus corações dilacerados e os de nossos poetas não conseguirão fazer nada pois não conseguirão fazer nada por este país, na medida que este dilaceradamente não exceda o indivíduo. Isso de rasgar o coração pessoalmente é muito pequeno. O momento é para rasgar de fato, não há porque esperar, não há mais o que fazer além de rasgar, abrir, se debruçar sobre essa verdade e realidade brasileiras e produzir. Não tem mais por que esperar. Esperar por quem? Os homens estão se mobilizando em todos os lugares, os médicos, os professores, os operários, os estudantes, os políticos, é preciso que cada cidadão se sinta também desta forma diante da cultura. Só assim conseguiremos realizar a utopia antropológica de 1922. Do contrário não haverá possibilidade. Só desta forma estaremos compensando o sofrimento de um Graciliano Ramos, por exemplo, que escreveu tantas coisas importantes, tantas memórias, tristes, dolorosas, de coração rasgado. Estaremos compensando a memória destes homens que antes ou agora emudeceram nas prisões, pelas ruas, pelos bares, pelos espaços vazios por não terem o que dizer ou por não poder. Mas através de entrevistas com presos você constata como mesmo dentro da prisão se dá uma elaboração política sobre a cultura, sobre a literatura, como os homens reduzidos a um espaço fechado continuam pensando. Então ninguém jamais conseguirá impedir os homens de pensar e de fazer, pois é um processo que apenas se retardará mas fatalmente advirá sempre. Haverá sempre na história os momentos em que os homens se decidem a fazer ao invés de ficarem apenas na expectativa. Não vejo por-

que o Brasil estaria vivendo hoje um momento de espera, de expectativa. É um Brasil de expectoração, sob todos os pontos de vista: cultural, político e econômico. O momento é de expectararmos e basta andar pelas outras cidades para verificar que as pessoas estão falando alto pelos botecos, estão produzindo, tirando dos baús toda a produção que ficou guardada, mas que armazenada ou não, existe na cabeça e no coração dos homens. E preciso que isso se abra, não há mais por que esperar.

JBr — Acumulando diplomas, certificados, condecorações, menções honrosas, títulos...

R — Sim. Nós acumulamos de objetos imaginários. Carteira de identidade, CIG, INPS, carteira de reservista, título de eleitor, uma documentação todinha. Enchem o homem de papéis, de objetos imaginários. E o homem se perde dentro desses papéis porque não encontra aí a sua identidade. Então é a carteira de identidade e nem mesmo a fotografia que dão esta identidade ao homem. É muito mais um valor que ele tem para afirmar de si, para dizer de si, para participar da

sociedade onde vive. As organizações tecnológicas e tecnocráticas dar identidade ao homem são desvios dessa verdadeira identidade do homem porque somente ele mesmo pesca esta identidade na sociedade. Ninguém dá uma identidade ao homem. Só ele mesmo é que pode construí-la. Isso é importante.

JBr — E muito menos a uma nação...

R — Que ninguém espere dos outros uma identidade.

JBr — Mas há muita gente vivendo dos papéis, para os papéis, os papéis...

R — Porque eles vivem como se fosse uma realidade real. Apresento minha carteira de autoridade para o sujeito que me para no meio do trânsito...

JBr — Você sabe com quem está falando? ...

R — Exato. Então isto aí me identifica somente para os outros, por isso que é imaginário. E o reconhecimento. Se ele não me reconhecer o que eu faço com o meu monte de carteiras? Agora a identidade do homem é outra. É aquela em que ele não precisa mostrar o documento e dizer «você sabe com quem está falando»? E essa identidade aí é que ninguém dá ao homem. E quando ele perde o medo de descer da sua toca e vai se embora por este mundo fora.

JBr — E recupera o medo da sociedade como todo, opera seu resgate. Estes não são os loucos, os santos, os poetas? Os malditos, enfim?

R — A sociedade tem seus medos. Ela simboliza estes medos de alguma forma. Através dos ritos que ela celebra, dos mitos. O que ela faz com relação aos loucos, aos poetas e aos santos é segregá-los, na medida em que são estes três os que estão em contato mais profundo, mais denso com os medos da sociedade. Então mais próximos de todos estes momentos do homem que a sociedade teme de alguma forma. Estes momentos são convulsivos, são momentos revolucionários, extremamente transformadores. Poeta, santo e louco são nomes que a própria sociedade dá a pessoas que manifestam estas verdades que ela teme. Mas vá ver como é que cada um vive com a sua loucura, com a sua santidade e a sua poesia na intimidade do seu banheiro, do seu quarto. Quem sabe como vivem as pessoas dessa sociedade dita normal. Então é apenas uma questão de tempo para que se reconheçam a loucura, a poesia e a santidade. Você disse que os poetas foram expulsos da república. Pois é, mas nossos artistas foram profissionalizados... Quem ousaria definir a loucura? Que necessidade é essa nossa de definir a loucura senão a de conviver com ela? Agora, acho também que o desejo do homem não é o desejo da loucura. A loucura ronda o homem como a morte, o gozo. Aceitar a loucura dessa forma é concordar com os psiquiatras ingleses que acham que para curar os loucos é preciso ser louco também.

Milton, o mesmo

Antes de tudo, Milton Cabral é “um nordestino, um cearense” como ele gosta de lembrar. Formado em Letras pela Universidade Federal de Goiânia, realizou cursos de pós-graduação na Europa, onde viveu por cinco anos. Na Universidade de Perúsia, Itália, fez o seu mestrado. Doutorou-se em psicanálise, na França, pela Universidade Sorbonne.

Professor, por formação, trabalhou de 1976 a 1978 na Universidade de Brasília nas áreas de comunicação e letras. Atualmente, é Vice-Coordenador do Centro de Estudos Freudianos do Brasil e diretor científico da Associação de Psiquiatria e Psicologia da Adolescência de Brasília. Membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SPBC, participou como debatedor no próximo encontro da entidade, a ser realizado no Ceará, em julho.

No Planalto Central desde 1965, Milton trabalha em Brasília como psicanalista. Sua tese, a nível de doutorado, sobre Graciliano Ramos, para a Sorbonne, deverá ser publicada brevemente pela editora Ática. Escreve artigos para os Cadernos de Opinião, revista Radice e Semiótica, entre outras.